

*Impressa*

MENDES DOS REMEDIOS

---

*PHILOMENA*

DE

*S. BOAVENTURA*

Reimpressa em harmonia com a edição de 1561

---

[Propriedade e edição da Bibliotheca da Universidade de Coimbra]



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1907

Sala 3  
Gab. 72  
Est. 23  
Tab. 85  
N.º



PHILOMENA

DE

S. BOAVENTURA



MENDES DOS REMEDIOS

---

PHILOMENA

DE

S. BOAVENTURA

Reimpressa em harmonia com a edição de 1561

---

[Propriedade e edição da Bibliotheca da Universidade de Coimbra]



COÍMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1907



Separatas do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*:

- I — *Uma Biblia Hebraica*, 1903, 1 folh. (16 pag. com grav.), 210 × 126.
- II — *Moedas Romanas* (Ensaio de catalogo), 1905, 1 folh. (74 pag.), 175 × 99.
- III — *As «Horas de Nossa Senhora»*, 1906, 1 folh. (22 pag.), 175 × 99.
- IV — *Philomena de S. Boaventura*, 1907, 1 folh., 175 × 99.

## INTRODUÇÃO

Entre as mais ricas aquisições bibliographicas em melhores tempos feitas para a Bibliotheca da Universidade de Coimbra deve contar-se, sem duvida alguma, a da livraria do illustre bibliographo José Pedro Hasse de Belem (1805), comprada por seis contos de réis quando era Vice-Reitor o Dr. Manuel Paes de Aragão Trigoso, e bibliothecario o Dr. Joaquim dos Reis.

Monsenhor Hasse, como abreviadamente se costuma designar, era, de facto, grande amator de livros, e além do testemunho de Ferreira Gordo, que foi o encarregado da compra dos livros para a Bibliotheca da Universidade, que declara nas suas memorias inéditas, que talvez não houvesse occasião de encontrar reunida uma collecção tão copiosa e selecta de livros portuguezes e castelhanos como ella continha (1), ahi temos o proprio catalogo da sua livraria a attestá-lo.

Infelizmente o valioso documento não existe completo e está longe pela sua demasiada concisão de escl-

---

(1) Segundo Innocencio no *Dicc.*, V, pag. 90.

recer qualquer duvida que se suscite no decurso dum problema bibliographico. Assim mesmo, truncado como está, o seu conhecimento data apenas de um anno a esta parte, devendo-se o seu encontro, ou antes o seu achado, a uma feliz casualidade.

Na *Memoria da Bibliotheca* de Barreto Feio, diz-se que «o antigo catalogo geral... desapareceu ha muito da Bibliotheca; e quando foi remettido de Lisboa, com os respectivos livros, era sabido que já tinham sido roubados alguns dos manuscriptos mais apreciaveis e primorosos» (1).

De facto, o que era conhecido e andava guardado, era sómente o *Catalogo dos livros portuguezes* escripto em setembro de 1811 por Francisco d'Almeida e Silva, continuo da Bibliotheca, provido posteriormente no logar de official subalterno (2).

Um dia numa exploração entre velhos papeis manuscriptos, havia annos arrumados a um canto, depa-raram-se-me dois cadernos descosidos, um delles sem capas, outro deteriorado em parte pela humidade.

Encontrados em epoca e logar differentes, sem a mais leve indicação nem referencia, poderia ter pensado em alguma velha cópia de catalogo, inutil, se a uniformidade da letra e a indicação numerica ao lado de cada volume me não levantassem no espirito a suspeita de que os maltratados cadernos podiam bem referir-se a

---

(1) Pag. 71.

(2) Ibid.



alguma livraria que tivesse sido incorporada na Bibliotheca.

Cuidadosamente, mas desconfiadamente tambem, como quem abandona alguma cousa que não desejaríamos perder de vista, os enygmaticos cadernos ficaram, de lado, esperando... não esperaram muito tempo.

A minha boa fortuna, que, ao lado de muita arrelia, me tem dado mais dum grande prazer na vida de director da Bibliotheca, trouxe-me ao encontro o quê? Um novo caderno onde eu, avido de qualquer informação, por minima que fosse, agora já sobresaltado pela semelhança da calligraphia, descubri bem nitido na primeira pagina e lançado pela mesmissima letra do seu proprietario, isto — CATALOGO DA LIVRARIA DE MONSENHOR HASSE —. Veiu depois a decepção. Approximando os cadernos vi que:

a) O 1.º está numerado desde 1 «*Estatutos da Ordem de Sant'Iago, impressos em Setubal em 1509, 1 vol. gothico*», até 1668. — «*Almanach para o anno de 1782, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 13 vols.*».

b) O 2.º principia com o numero immediato ao anterior, 1669 — «*Faria de Sôusa (Manuel de), Europa, 3 vols.*», até 3237. — «*Theatre des Etats de S. A. R. le Duc de Saroye, 2 vols.*».

c) O 3.º abre com o numero 5141 — «*Theodoricus (Herbertus), Originae ecclesiasticae, 1 vol.*», até 7837. — «*Nobles (P. Franciscus), Copia accentuum omnium fere dictionum difficilium tam linguae latinae quam etiam Hebraicae, 1533, 1 vol. gothico*».

Quer dizer: falta um caderno intercalar que abranja os numeros comprehendidos entre 3237 e 5141. Mas a perca, a todos os respeitos lamentavel, não pára aqui.

Com effeito, o *Catalogo dos livros portuguezes*, obra do continuo da Bibliotheca, a que atrás alludi, chega a registrar um livro com o numero 8115, o que claramente indica que devia existir, pelo menos, mais um caderno, elevando-se a relação até 10:000, numero que Innocencio diz ser effectivamente aquelle de que constava a Bibliotheca de Hasse (1).

E o catalogo dos manuscriptos? Foi o abandono, o desleixo e a incuria que causaram a sua perda? Foi um proposito criminoso que o fez desaparecer, o mesmo que trancou tambem o dos livros impressos?

«O antigo catalogo geral... desapareceu ha muito da Bibliotheca; e quando foi remettido de Lisboa, com os respectivos livros, era sabido que já tinham sido roubados alguns dos manuscriptos mais apreciaveis e primorosos». Isto di-lo a *Memoria historica da Bibliotheca* (2).

Vá lá verificar-se agora! Os livros soffreram a mesma sorte que os da livraria de João Pedro Ribeiro, que foi incorporada em 1839 na Bibliotheca, por doação do seu generoso doador. Espalharam-se por todos os lugares de estantes e tabellas onde o formato convidava a collocá-los.

---

(1) *Dicc. Bibl.*, V, pag. 90.

(2) *Obr. cit.*, pag. 71.

Muito differentemente se procedeu com a livraria que o cirurgião Antonio Augusto da Silva Ferreira legou em 1892 á Bibliotheca. Dessa fez-se inventario e catalogô proprio e dedicou-se-lhe um gabinete especial, onde todos os livros se conservam reunidos.

\*

Vieram estas divagações a proposito do trabalho que agora publicamos. A *Philomena de S. Boaventura* deveria estar hoje na Bibliotheca da Universidade, pois que figura no catalogo de Hasse sob o n.º 1337.

Onde pára esta raridade bibliographica, que seria por ventura representada pelo *unico* exemplar ahi mencionado? Em 1859 ainda existia na Bibliotheca, segundo se vê da informação exarada no *Dicc. Bibliogr.*, vol. IX, pag. 250.

Ainda depois desse tempo o livrinho existiu na Bibliotheca e foi até desse exemplar que se tirou a cópia manuscrita, de escrupulosa fidelidade, por onde agora é feita esta nossa reimpressão (1).

\*

Mas o que é a *Philomena de S. Boaventura*? Corra o leitor a vista sobre os versos que a constituem e logo

---

(1) Aqui tributamos agradecimentos sinceros ao nosso bom amigo, o distincto bibliophilo Sr. Annibal Fernandes Thomás, auctor da referida cópia.

verá a natureza e características della — um mysticismo profundo, uma aspiração da alma para Deus, procurando interessar simultaneamente o coração e a intelligencia.

Abrindo a edição das obras do grande Doutor seraphico, aquelle que Gerson, o celebre oraculo do seculo xv, o illustre chancellor da Universidade de Paris, considerava como o «Doutor mais perfeito», ahí encontraremos, entre os seus opusculos, um com o titulo *Philomena* (1).

Foi este opusculo que, a darmos credito ao Conde de Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes (2), o nosso epico e chronista Francisco de Andrade traduziu com o titulo de *Philomena*, que adeante se verá completo.

Do grande Doutor parece-nos que, em verso, mais nenhuma cousa temos traduzida.

Em prosa temos, pelo menos: *Alguns Tratados* — |  
do Seraphico Doctor Sam Boaventura, em que se cõtem  
hũa doutrina mui | proueitosa, & necessaria a toda pes-  
soa, principalmen | te religiosa: q̄ quiser desarreigar de  
si os vicios, | & plantar as virtudes, & crescer nellas, | &  
dar se aa oração. | E alem destes outro tratado, pera os  
te | mentes de Deos se saberem bem confessar. | & com

(1) Veja-se, por exemplo, a edição de Moguncia, 1609, tom. VI, pag. 424.

(2) Cfr. Innoc., *Dicc. Bibl.*, II, pag. 334.

*pureza de consciencia. | O que tudo trata o Sancto mui  
ao viuo: & como quẽ fala ao coração, & da propria ex-  
periencia. Traduzidos do latim em nossa linguagem por  
hum reli | gioso capucho da ordem dos frades Menores  
da pro | uincia de nossa Senhora d' Arrabida. | E ao fim  
se põem hũas orações mui deuotas pera an | tes, & des-  
pois da Sagrada Communhão. | Em Lisboa | Impresso  
com licença da Santa Inquisição, e Ordinario. Por An-  
tonio Aluarez Impressor | . Anno MCCCCCII.*

Pela licença do Santo Officio, assignada por Fr. Manuel Coelho, se vê que o traductor é o Padre Frei João da Madre de Deos, de que nos falla a *Biblioth. Lusit.*, II, pag. 683.

Um outro volume do mesmo illustre Doutor é a *Mystica Theologia... do verdadeiro caminho do ceo, com algumas declaraçoens, feitas pelo Padre Mestre Fr. Jeronymo Gracian da Madre de Deos... traduzido pelo Licenciado Antonio Esteves... Lisboa, MDCCXXXI.*

A *Philomena* é, pois, no seu genero o unico documento que possuímos, traduzido, de S. Boaventura. Pertence ao grupo de composições mysticas que tiveram grande acceitação em Portugal, junto de certos escriptores que, se não davam em brigões e valentaços, com larga folha de serviços em Africa, propendiam para os arrôbos do lyrismo tresandando aos perfumes do incenso. Nós os portugêses sempre fômos assim aventureiros, ainda mesmo quando o campo de acção eram os poucos palmos dum convento.

E porque no poemeto do Doutor seraphico o titulo de *Philomena*? É porque, explica-se nas palavras que o antecedem, «multa sunt hujus avis propria, quae Sanctus Bonaventura mirifice transfert ad devotam animam, quae sanctissimis meditationibus veluti dulcissimis Philomenae cantibus resonans, Salvatoris nostri Jesu Christi vitam, et ab eo in nos singularia beneficia collata, jugiter contemplatur» (1).

Com que elegancia e perfeição, com que formosa eloquencia, este thema é desenvolvido, mal o podem deixar adivinhar os versos do traductor portuguez. É que traduzir é sempre difficil, traduzir bem, e sobretudo o verso, só aos grandes mestres é dado.

Raras vezes entre nós se soube traduzir, com perfeição, o latim. Lá o diz o grande Mestre, invulneravel auctoridade no caso, Castilho, explicando as torturas que, ao ser traduzido, soffreu o Mantuano:

«Franco Barreto e Leonel da Costa deslavaram-no, escreve elle; Lima Leitão e Odorico Mendes caldearam-no de aço, escureceram-no, entenebraram-no. O pobre poeta, topando naquelles dois calhaos do Parnaso, deu-lhe o tetano, e morreu. Candido Lusitano cozeu-o sem sal, e deliu-o. Barreto Feio, se para si o entendia, não no-lo deu a entender a nós; perdeu-lhe aquella nativa fluencia, que era o seu maior encanto. É porque nenhum destes era poeta. Como podiam

---

(1) *Obr. e log. cit.*

pois representar-nos um tão formoso gigante da poesia...?» (1).

É certo. Não traduz quem quer, só traduz quem póde.

S. Boaventura numa linguagem fluente e maviosa revelou-se, como delle escreveu um grande admirador,

Divino sol na terra e luz da igreja  
 Em seraphico amor alma acendida,  
 Cujo raio de sciencia e sancta vida  
 É claro espelho a quem amar deseja (2)

.....

E conquanto não seja pela traducção que possamos aquilatar taes predicados, merece a pena de conhecer-se o poemeto que agora se salva dum total esquecimento, sem duvida irreparavel, se a boa sorte que nos não deparou ainda, até hoje, o pequeno volume quinhentista, nem por ventura, jámais deparará, não conduzisse até nós a mão amiga, que exarou a cópia fiel que aqui fica reproduzida.

Cante, pois, a Philomena, visto que, como escreveu

---

(1) Da celebre *Crítica litteraria*, carta ao editor do *Poema da Mocidade* de P. Chagas, pag. 199.

(2) Do «Soneto de Frey Antonio da Cruz, em louvor de Sam Boaventura, & da traducção da obra», que precede *Alguns Tratados...*, já cit.

Madre Maria do Ceo, Religiosa, e duas vezes Abadessa do seu observantissimo Mosteiro da Esperança da cidade de Lisboa Occidental, da Ordem Seraphica da Provincia de Portugal, — *chegou hum dia em que falláraõ os brutos como os homens, de alguns, em que houve homens, que falláraõ como brutos: houve huma hora, em que as aves mostráraõ mais liberdade nos bicos, do que nas azas, com este cortaõ o ar, com estes ensinaõ agora aos racionaes . . .* (1).

---

(1) *Aves illustradas em avisos para as Religiosas servirem os officios dos seus Mosteiros. Sua verdadeira Autora A. M. R. M. Maria do Ceo . . ., dado ao prelo pela diligencia de Joseph Francisco de Baluceato, natural da antiga Escocia, e catholico romano. Lisboa, M.DCCXXXIV.*



# PHILOMENA

DE SAÕ BONAVENTURA TRESLADADA DE  
LATIM EM LINGUAGÊ EM TERCEYRA RI-  
MA, EM QUE A ALMA DEUOTA BREUE-  
MENTE MEDITA SUA CRIAÇÃO, A EN-  
CARNAÇÃO, A PREGAÇÃO & PAI-  
XÃ DO FILHO DE DEOS.

LOGAR DE S.<sup>TA</sup> CI-  
CILIA TOCANDO OR-  
GAÓ. GRAVURA EM  
MADEIRA.

Philomena que o tempo bom declaras  
& o fim do inuerno denúcias,  
os dias brandos & as noutes claras.

E com tuas doces armonias  
aleuantas o coração derribado  
a nouas esperanças, nouas alegrias.

Vem a este spirito cansado,  
a quem miséria, desejo, & amor  
puseraõ neste saudoso estado.

Mandarte-hei ao teu creador,  
onde yr não posso: & disto assi ser  
viue minha alma em continua dor.

Se minha gloria consiste em vos ver  
doce esposo, estando desterrado  
de vos: como terey alguma hora prazer?

Assi que Philomena vay ao meu amado  
apresenta-lhe minha saudade,  
meu desejo, meu amor, & meu cuydado.

E os meus gemidos taõ de verdade,  
arrancados de hum triste coração,  
desejoso de sua eternidade.

Dizelhe porque escõde sua clara visaõ,  
a quem por elle anda suspirando  
o dia, a noute, o inuerno, o veraõ?

E quando virá aquella hora, quando  
verey sua clarissima fermosura,  
por cuja saudade eu tal ando?

E que parece cousa muyto dura,  
deyxarme assi passar taõ triste vida:  
onde estaa o seu amor sua brandura?

Philomena minha, esta tua yda  
naõ pareça a ninguẽ ser escusada:  
antes me parece cousa muy deuida.

Porque se lee desta aue amada,  
que se sobe em hũa aruore alta,  
tanto que sente sua morte ser chegada.

Em amanhecendo docemête canta :  
 & quando o sol começa aquecer,  
 entaõ a doce voz mais aleuanta.

- \* Chegando o meyo dia crece o prazer,  
 crece o cantar; desta aue bõa  
 começa o sangue em fio a correr.

E sendo chegada a hora de noa,  
 a saudosa vida he acabada,  
 & a sua doçe voz já não soa.

O philomena bemaumenturada,  
 que morreste, cantando teus amores;  
 nelles toda posta e enleuada.

Esquecida de tuas proprias dores,  
 tanta foy a tua bõa ventura,  
 que acabaste em doces clamores.

Com muyta razaõ és propria figura  
 da alma deuota, & namorada  
 daquella clara e diuina fermosura.

Alma toda absorta & occupada,  
 naquelle taãm diuinissimo amor,  
 em amor consumida & abrasada.

- A qual estimulada deste ardor,  
 se aleuanta muyto pela manhaã,  
 \* a cantar louuores ao seu criador.

Dizêdo: meu Deos & quanta razaõ  
 he louuaruos toda criatura,  
 & não vos louuar, quamanha ingraticidaõ.

Quanto mais en tanto vossa feitura,  
 q̄ de vossas proprias mãos me formastes,  
 a vossa semelhança & figura.

Ó, & para quamanhos bienes me criastes,  
 se volos soubesse senhor agradecer:  
 pera quamanha gloria me guardastes.

Mas tudo isto deyto a perder,  
 troco o siso polla vaydade:  
 troco o nada pollo verdadeiro ser.

Vnica doçura vnica saudade,  
 da alma que vos ama entranhauemente:  
 quanto sou, devo soo a vossa bondade.

Toda minha vida continuamente,  
 amor da minha alma, vos amarey,  
 & diante de vos esterey presente.

E nunca jamais eu acabarey,  
 • por mais que diga, & por mais que faça,  
 de vos amar, & servir, quanto desejey.

Nisto a alma deuota assi passa  
 esta primeira & doce hora do dia  
 em amorosos affectos se trespassa.

Mas, quando vem a sua fantasia  
 que se cubrio de carne o criador  
 fica fora de si & de todo fria.

O minha gloria, meu unico amor,  
 criador de toda a natureza:  
 & pera mais uos amar: inda Redēptor.

Quem en panos de tam dura pobreza  
vos enuolveo diuina magestade,  
quem assi abayxou a summa alteza?

Isto fez o fogo de vossa charidade,  
que arde no uosso peito diuino,  
vossa eterna & summa bondade.

O immenso, ó dulcissimo menino,  
quem vos vio, foy bemaumenturado,  
& quem vos não vio, foy assas mofino.

- \* Triste de mi, porque me não foy dado  
vervos na vossa meninice chorar,  
& de vossa madre ser afagado?

Porque me nam foy dado yrvos acompanhar,  
quando foste leuado a terra estranha:  
porque na vossa uos queriam matar?

Considerando esta merce tamanha  
pasma a alma de se ver remida,  
com tão cuidado vosso, tanta manha.

Da qui vem ser amada & escolhida  
a pobreza sancta: & a gloria vã  
de todo desprezada e auorrecida.

A hora de terça nesta meditação  
passa: & o meyo dia se vem achegando,  
& de nouo amor se enche o coração.

Ah meu Deos & andastes pregando,  
verdades puras em mundo mentiroso,  
de hum cabo para outro peregrinando.

- Nam comestes vosso paõ ocioso,  
suores das entranhas vos custou  
todas ardidias em fogo amoroso.

Mas nada d'isto meu Deos abastou  
ao fogo damor que em vos ardia,  
& que emfim a dura morte vos leuou.

Nenhuã cousa em vos senhor hauia  
que naõ fosse sanctidade & mansidaõ:  
mas o Mundo ingrato naãm vos conhecia.

Assi passa a alma nesta contemplaçãõ,  
ate o meyo dia ser achegado:  
& ser toda posta na uossa paixãõ.

Aqui o spirito he abrasado  
em amor vosso, pondose a cuydar  
quãto vos custou liuraruos de pecado.

Quem vos hade agradecer & quem de pagar  
o que tendes feito pollos peccadores?  
vossa paixam (diz o Propheta) foy mar,

- Jamais se viraõ tamanhas dores,  
nunqua se vio tamanho tormento,  
porque nunqua se veraõ tais amores.

Nunqua se vio tanto soffrimento,  
nunqua se vio tamanha dor,  
& nesta dor tamanho contentamento.

Nunqua se vio sangue correr por suor:  
nunqua se vio homẽ tã atormentado,  
porque nunqua se vio tamanho amor.

Do pee aa cabeça vos vejo esfolado  
 cuberto daçoutes & de escarros,  
 & de duros espinhos coroado.

Nunqua se viraõ amores tam charos,  
 pois tantos trabalhos vos custaraõ,  
 noutes tam asperas, dias tã amargos.

Finalmente na cruz vos encrauaaraõ,  
 com duros pregos & dura crueldade,  
 & assi encrauaado vos aleuantaraõ.

Assi estaa a summa magestade,  
 assi paga Christo pollo peccador,  
 \* o summo bẽ polla summa maldade.

E ainda nam estaa farto vosso amor,  
 ainda naõ amostrays vosso affeyto  
 tudo por mi vos parece pouco Senhor.

E quereys que vos abra esse peyto  
 pera a minha alma elle morar:  
 quem a hum tal Deos naõ sera sojeito?

O unico remedio & singular  
 porta do ceo segura acolheyta:  
 felice a alma que per vos entrar.

O quam contente & quam saptisfeita  
 entra vos dulcissimo amado,  
 onde acha a sua gloria perfeita.

Que comereis tã bemaumentado,  
 viuerẽ dois corações em hũ mesmo amor  
 que ambos viuem em hum mesmo lado.

Vos em uĩ quereys estar meu redēptor,  
eu em vos per amor quero estar:  
bem estaa a criatura no seu criador.

- \* Quem logo se espanta de eu gritar  
vêdo por morrer a mesma uida,  
vendo morrer a Deos soo por me saluar?

Nunqua sera minha alma tã esq̄cida,  
nunqua virá a tanta ingrátidaõ,  
que se esqueça desta triste despedida.

Sêpre estaa presente ao meu coraçãõ,  
aquelle tam memorauel brado,  
remate da vossa cruel paixaõ.

Quando dissestes: tudo he acabado;  
tudo perfeitamente se executou  
quanto de mi estaa prophetizado.

Nenhuã cousa por fazer me ficou,  
naõ ha profecia que naõ seja cõprida,  
agora a vos Padre eterno me vou.

Que verdade taõ pura & sabida,  
que tudo he acabado & consumido,  
pois do senhor de tudo se acabou a vida.

Assi fica a alma sem sentido  
trespassada desta entranhavel dor  
& o spirito de todo he ydo.

- \* Ditosa alma a quem matou amor  
spirito por certo bemaumentado,  
que juntamēte acabou com seu senhor.



A esta tal nam estaa o ceo fechado,  
as portas eternaes lhe seraõ abertas,  
& com os anjos he collocado.

As cousas escuras & encubertas  
saõ todas claras ao entendimento,  
as marauilhas de fee saõ descubertas.

Alli naõ ha nem pode haver tormento,  
alli ha perfeita consolaçaõ,  
alli ha perpetuo cõtentamento.

Alli vee a alma per clara visaõ  
aquella deuinissima fermosura,  
a quem sempre amou de todo o coração.

Alli tudo he amor tudo doçura:  
alli o entendimento se quieta  
na summa verdade & se assegura.

Alli a vontade de todo se contenta,  
amando aquella diuina bondade,  
\* & neste amor sem fim se deleyta.

Alli goza perpetua eternidade,  
alli vee & ama entranhavelmente,  
alli participa de diuidade:  
& todos estes beês tera eternamente.

## ¶ Elegia da alma deuota a seu Esposo

O Bom Jesu: oo porque me não vejo  
em vosso amor todo abrasado,  
todo conuertido neste desejo.

De mi & deste mundo transportado,  
estando sempre entre vos presente,  
todo em vos senhor já transformado.

Como a neue desfaz ao sol ardente,  
& a neuoa espalha o frio vento,  
& a cera branda ao fogo se derrete.

Assi a minha alma em triste sentimêto  
se desfaz em viua charidade,  
chorando hũ taõ longo apartamento.

Quando vos verey minha saudade,  
quando sera o dia que vos veja?  
dia bemaumentado de verdade.

Quando verey já o dia que seja  
desta misera carne desatado?  
o quanto tarda o que se dezeja.

Ouisme senhor & estais calado,  
não respondeis a hũa dor tam pura?  
o quem vos fez de mi tam descuidado?

Vejovos meu Deos em toda creatura:  
mas naõ basta isto a quem dezeja ver  
vossa clara & diuina fermosura.

Quando a manhã começa de romper,  
& o sol depois com sua claridade  
parece que daa ao mundo nouo ser.

Vejo que vossa eternidade  
tendes: onde se naõ pode chegar:  
vejo o resplendor de vossa diuindade.

Quando eu torno a considerar  
o ceo & as estrellas que vos fundastes,  
& por seus nomes as sabeis chamar.

Contemplo a terra que vos pintastes  
com flores de tanta diuersidade,  
tudo para este homem que creastes.

Nestas cousas vejo vossa bondade,  
o vosso diuino & summo poder,  
a vossa infinita piedade.

E quando olho o contino correr,  
que os rios fazem todos pera o mar,  
& que delle tornem outra ves nacer.

E olho como nunca deyxãõ passar  
seus limites: mas sem voo de razam  
vos obedecem sem jamais cãsar.

E olho a natural inclinaçãõ  
das creaturas, & a diligencia,  
que todos poem em sua conseruaçãõ.

Nisto vejo a vossa prouidencia,  
 com a qual governais todo o criado:  
 vejo a vossa diuina sciencia.

- Quando olho o mar aleuantado,  
 com o vento & as ondas embrauecidas,  
 & todo o ceo escuro & cerrado.

Quando as miseras náos são perdidas,  
 & os homês postos em mortal tristeza,  
 as forças & as vidas já arendidas.

Nisto vejo a vossa justiça & a crueza  
 de vossa yra com quanta ygoaldade,  
 vos quereis ser seruido cõ quãta pureza.

Tambem vejo vossa humanidade,  
 naquelle sanctissimo sacramento  
 cheo de amor & de suauidade.

Mas com nada disto me contento,  
 benigno Jesu, nem posso nunca ter  
 sem vos Senhor total contentamento.

Acabe já doce esposo de vos ver  
 face a face, & como sou conhecido,  
 dessa propria maneira vos conhecer.

- Como o ceruo quando vem ferido,  
 busca fontes d'agoa clara & fria,  
 todo neste dezejo conuertido.

Assi a minha alma noute & dia,  
 busca soo a vos com amor feruente  
 seu bem, sua esperança, & alegria.

Com outra cousa não pode ser contente:  
 pera vos fizestes o meu coração:  
 sem vos inquieto he & descontente.

Se vos quereis ser o seu galardão,  
 como jamais o pode contentar  
 o mundo misero pobre e vão?

Ah meu Deos & quam dinas de amar  
 são as vossas eternas moradas:  
 desfalece a minha alma em as cõtēplar.

Que aues ahy tão desamparadas,  
 que a seus filhos não achem abrigo,  
 & por vos não sejaõ governadas?

Pois a minha alma em vos Deos viua  
 como não acharaa sua morada?  
 sendo vos quem amo & quem siruo?

O quanto sera bemaumenturada,  
 quando ouuir aquella voz diuina,  
 vem esposa minha tanto amada.

Ja passou o inuerno & a nebrina,  
 as miserias todas já passaraõ:  
 vem, & verás de quanto fostes digna.

Veras o que os sanctos desejavaõ:  
 veras a doçura que tenho escondida,  
 aos que de verdade me amarão.

Veras esta terra toda florida,  
 onde nam ha dor, morte nem tristeza,  
 mas descanso & gloriosa vida.

Veras esta tam estranha belleza:  
veras estes beês eternos, & veras  
esta tua propria natureza.

Onde perfeitamête entenderas,  
os misterios que no mundo creeste:  
& entendendoos te deleytaraas.

O felice o dia em que naceste,  
pois veras esta gloria dezejada,  
& veras a mi que tanto amaste.

- \* O rainha do ceo, virgem sagrada  
que ante o diuino acatamento  
estais atonita e enleuada.

Antre esse nosso contentamento  
poude as lagrimas deste peccador,  
que neste valle fica em tormento,  
em miseria & continua dor.

## ¶ Aspirações da alma deuota ao amor diuino

O Essencia diuina  
pego de toda bondade  
o immensa eternidade  
que farey?

Quando em vos me verey  
ja nam eu, mas todo vos  
vos & eu, & ambos soos  
nũa cosa?

Quando todo serey vosso  
& a vos que sois o todo  
me darey em todo o modo  
& lugar?

Quando me verey afogar,  
neste pego taõ profundo:  
onde nunca sacha fundo,  
nem o ha?

Quando minhalma seraa  
em vos mesmo consumida,  
Absoruida & conuertida  
pera sempre?

Quando seraa permanente  
em vos mesmo & vosso ser,  
sem ter outro mais querer  
que o vosso?

Quando teraa por dãnoso,  
o descansar em as cousas,  
que naõ foram vos ou vossas  
de verdade?

Quando na estabilidade  
• que sancta Luzia teue  
pagaraa o que vos deue  
por esposa?

Quando teraa por damnosa  
a communicacão de gente  
por vos sempre de presente  
comesar?

Quando por vos mais amar  
buscaraa a soledade,  
& com grande de saudade  
choraraa?

Quando gemendo diraa  
cuydados deixayme hora:  
creaturas desdagora  
vos despido.

O meu Deos, meu bem cõprido  
abismo de todo bem,  
quanto bem tem quem vos tem  
mas o quanto?

Eu de mi mesmo me espanto  
• naõ andar sempre pasmado,  
& de vos dependurado  
como Job.



E como a cerua soamente  
sedeente & ferida  
ya a vos fonte de vida  
a fartar-me.

A banharme & lauarme  
nagoa da Samaritana  
pois que de contino mana  
& sempre corre.

Quem consigo leuar fome  
de vos paõ angelical,  
fartar se ha sem se fartar  
como conuen.

Quando, meu Deus & meu bem  
esta agoa em vosso vinho  
como o de Archeteclino  
conuertereis?

Quando me abrasareis  
\* este ferro em vosso fogo  
seja ja, & seja logo  
se quereis.

## ¶ Desejos do amor diuino

Nam mereço Senhor dares me esperança  
 que inda em algũ tẽpo vos hey de ver:  
 mas tamanha gloria naõ a queria ter  
 em hũa duuidosa confiança.

De tamanha bem certa segurança  
 pera meu descanso hauia mister,  
 & que quando acabasse de morrer,  
 começasse minha bemaenturança.

Nã sou ingrato Deos meu nẽ me esq̃eço  
 quanto me falta para merecernos:  
 mas por vos ver minha alma desfalece.

O quanto tenho Senhor em quereruos,  
 o quanto tenho o quanto me falece,  
 tenho amaruos faleceme veruos.

Pois como deleytaraa o dia  
 a alma que soo de seu Deos se farta:  
 dilatarse esperança taõ alta  
 como naõ desfara sua alegria?

Recebi mais do que merecia,  
 mas pera o desejo muyto falta  
 assi de contino triste me mata  
 a saudade quando vos veria.

O visãõ diuina clara & pura  
quando ja que sera o dia que seja  
transportado em vossa fermosura?

O quando sera o dia que veja  
minha alma em vos quieta & segura  
do que tanto ama, tanto dezeja?

Naõ he isto pensamento vãõ,  
nem soberba que pera mal me tenta,  
mas he amor que com nada se contenta,  
leuame o dezejo & naõ a razaõ.

- \* Nẽ cuyde ninguem que he ingraticam  
ou ser alma dura & ysenta:  
mas que farey a hum triste coração  
que sem vos Senhor tudo o atormenta?

Minha desacustumada belleza,  
minha luz eterna & tam fermosa,  
meu Deos minha propria naturaleza.

Quando yra minha alma sequiosa  
desta terra seca chea de tristeza  
a vos fonte viua & gloriosa?

### JESUS

Luz clara, sciencia marauilhosa  
mostra vida minha immortal  
a quem sem ti naõ viue.

E os spiritos humildes se alegrão  
na tua paz que vence os sentidos  
naõ ha fora de ti que desejar.

A terra triste é pobre & estreyta,  
os ceos escuros saõ & baixos ficaõ  
tudo se encerra em termo breue.

- \* Tu es bem summo sem termo & sem medida  
suave doce brando & amoroso,  
em ti descansa o entendimento.

A honrra verdadeira & contētamēto,  
descanso, riqueza, & alegria,  
em ti soo se acha.

De verdade conselho e confiança  
remedio soccorro & esperāça certa  
es fonte viua.

De trabalhos, bayxezas & miserias  
nos leuantas & sempre nos melhoras  
a mayores beēs dos que buscamos.

Sigate já meu bem por onde fores  
como os filhos dos ceruos pollos montes  
nunca pare nem acabe de correr.

Creça sempre a lembrança & saudade  
creça sempre o fervor & a vontade,  
ate que este meu desterro se ache.

Amen.

¶ **Tresladação do Psalmo, BENEDIC ANIMA MEA DOMINO,**  
 EM TERCEYRA RIMA. EM O QUAL A ALMA DEUOTA  
 SE ALEUANTA EM ADMIRAÇAM DE SEU CRIADOR  
 POR O CONHECIMENTO DAS CRIATURAS

**T**v o alma minha louua o Senhor,  
 O Deos meu como sois exalçado,  
 quam digno sois de hõrra & de louuor.

De paz & confissam estais cerquado,  
 vististe vos Senhor de fermosura,  
 de magestade estais acompanhado.

Luz clara he vossa vestidura  
 estais cheo de vossa diuindade,  
 tudo eterno & de infinita dura.

Estendeis o ceo á vossa vontade,  
 como hũa pelle assi o estendeis,  
 & assi communicais vossa bondade.

E sobre todos os ceos pusestes  
 \* as agoas que estam mostrando  
 ás muytas marauilhas que fizestes.

\*

Sobis pollas nuuens atrauessando  
de hũa parte a outra todo o criado  
sobre as penas dos ventos passeando.

Fisestes os anjos com tanto cuydado  
spiritos de clarissimo entendimento,  
& os vossos seruos fogo inflammado.

Fundastes a terra sobre fundamento  
eterno, & tal ordem & ley lhe pondez  
que jamais mudaraa seu assento.

Pusestes as agoas sobre os montes,  
mãdais que naõ cubraõ mais as terras,  
& nos valles pusestes claras fontes.

Em vos esperam as bestas feras  
na sua sede & naõ sam enganadas:  
remedio achaõ nas altas serras.

As aues andaõ pollo ar confiadas  
na vossa prouidencia que nunqua falta,  
nem de vos Senhor saõ desemparadas.

- \* De vossas obras estaa a terra farta  
produzindo feno pera proueyto  
dos animaes: o bondade taõ alta.

Que ao justo e ao imperfeito  
dais erua: dais vinho & paõ  
a quem naõ tem cõta cõ vosso preceyto.

Vinho pera que se alegre o coração,  
ainda que seja sem penitencia,  
& o paõ pera sua confirmação.

E he taõ grande vossa clemēcia,  
que ate das aruores tendes cuydado,  
& aos cedros chega vossa prouidencia.

Nelles tem as aues seu gasalhado  
os ceruos nos montes sua habitaçaõ,  
os ouriços no penedo furado.

Destes aa Luna sua reuoluçaõ:  
sabe o Sol quando se ha dabayxar  
ainda que naõ tē uso de rezam.

Saem os brauos liens a saltear,  
sae o husso & o lobo manhoso,  
• os liensinhos pedem seu manjar.

Rompe o sol tam claro & fermoso  
sae o homem a seu trabalho & lauor  
torna a noute a seu repouso.

O quã magnificas meu Deos & Senhor  
sam vossas obras & quam exalçadas,  
de quanta grandeza de quanto primor.

Todas em sabedoria acabadas,  
em summa ordem & summa perfeiçaõ,  
criaturas em fim por vos criadas.

Chea he a terra vossa possessam  
& todas nos incita a vos amar,  
& aleuanta a vós o coração.

Que direy do grande & espaçoso mar  
cheo de tantos pexes bõos & maos  
cujo numero senam pode contar?

Por elle nauegam as gentes em naos,  
gentes atreuidas & mal atentadas  
que poẽ suas vidas sobre quatro paos.

- Todalas cousas estam dependuradas  
da vossa prouidencia & benignidade  
& por vos sam todas governadas.

Abrindo a maõ da liberalidade,  
todas sam cheas de vida & de gosto:  
& participam da vossa bõdade.

Mas apartando vosso diuino rostro,  
sua gloria em poo he conuertida,  
a alegria em choro & desgosto.

Manday a vosso espirito de vida,  
renovay a terra beninamente  
que sem vosso fauor estaa perdida.

Seja gloria ao Senhor eternamente,  
nas sus obras se alegraraa o Senhor,  
& do que faz sera sempre contente.

Olha a terra & enchea de temor  
toqua os montes & falos tremer:  
muy terrible cousa he o seu furor.

- Cantarey ao Senhor emquanto viuer,  
tam digno de louuor & tam amauel,  
dirlhe hey psalmos em quanto tiuer ser.

Minha falla lhe seja agradauel,  
en deleytarme hey em seu amor  
pera mi summamente deleytavel.



Ah se não houvesse nenhum peccador:  
quem nos visse já todos desterrados:  
tu ó alma minha louua ao Senhor  
& nelle soo poê todos teus cuydados.

¶ FIM.

FOI IMPRESSO EM CASA DE JOANNES BLAUIO  
DE COLONIA. ANNO 1561.

---





